

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAJA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2342

# A BATALHA



DEP. LEG.

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2342

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 21 DE JULHO DE 1925

## A PROPÓSITO DO INCIDENTE DO TRUVISCAL

# Enquanto os clericais cínicos e soberbos tripudiam, os liberais conservam-se descuidados e apáticos

### INSTRUÇÃO! INSTRUÇÃO!

**E' preciso acabar com a ignorância que gera o fanatismo religioso que os padres exploram**

O espectáculo de fanatismo, de tacanhês mental, de bárbaro atroz que o povo deste país vem dando desvergonhadamente perante o mundo civilizado não só deprime os poucos homens livres que por cá vivem como aponta, numa acusação inflexível, a culpabilidade de todos os governos no caos em que se encontra o problema da instrução. Pessoa de consciência livre, de cérebro europeu, de dignidade mental, que atente por momentos no repugnante espectáculo tão cantado sob vários aspectos nas folhas piedosas, nos jornais católicos, fica horrorizada e sente a mais íntima revolta contra aqueles que, negociando com a ignorância, dela se aproveitam abusivamente. Uma onda imoral de padres vem desde longa data catequizando gente pelas aldeias. O seu processo é velho, é de todos os tempos e de todas as religiões sectárias: o terror. Infunde-se o terror na alma dos povos. E quanto mais ignorantes eles são mais fáceis são de aterrorizar. Há várias maneiras de estabelecer o terror. Ultimamente, a mais usada pela reacção clerical é a da pulverização do mundo. A aparição da Virgem e de vários santos e santas da corte do céu, que recomendam absurdos e incitam a romarias extraordinariamente rendosas, é frequente.

As peregrinações têm dado rios de dinheiro. E além do dinheiro dão crentes, pobres diabos que acreditam nos milagres e são capazes de dar a camisa para não sofrerem os castigos do céu.

A peregrinação a Fátima tem sido um terreno fértil em escudos. Mas como se ela não bastasse, como se ela não representasse ainda um tremendo abuso de confiança e uma exploração ignóbil da ignorância de um povo, surgiu agora um novo processo de extorsão que revolta. Alguém espalhou por várias povoações do distrito de Leiria que Jesus Cristo, ou nossa Senhora, aparecera a certa mulher dizendo que se impunha a toda a gente o dever de distribuir pelo maior número possível de pessoas uns pedaços de linha sagrados. Tinham esses pedaços de linha, se fossem distribuídos por toda a gente, o condão de evitar que o mundo terminasse anteontem, ou ainda de livrar quem os possuísse das mais tremendas desgraças.

Isto fez com que povoações inteiras de pobres fanáticos se deslocassem de terra em terra numa peregrinação estúpida distribuindo linhas a todos que encontravam. Sob um terror delirante, os fanáticos aguardavam ansiosamente o dia em que terminaria o mundo. Dizia-se também que os pedaços de linha adquiridos por baixo preço se transformariam em cordões de ouro.

Estas mentiras pueris só podem ser acreditadas por um povo ingénuo e boçal que vive mentalmente na Idade Média e que não tem do mundo moderno, civilizado, a menor noção.

Só um remédio eficaz existe para tão grande mal, que dá a este país o aspecto atrasado e bárbaro das mais barbaras tribus: é a instrução. Mas que essa instrução seja bem livre e neutra em matéria religiosa.

Um povo de tal maneira boçal que alimenta com a sua estupidéz e ignorância estas intrujices infames envergonha a espécie humana.

Para acabar com todas estas infamias um só grito se impõe neste momento, soltado como protesto das bocas de todas as pessoas livres e conscienciosas:

—Instrução! Instrução!

### Contas de cabeça...

LONDRES, 20.—Na Câmara dos Comuns, o sr. Churchill, respondendo aos interpellantes, expôs as grandes linhas do acordo franco-ingles, precisando que, em virtude das cartas anexas, a França pode, no caso duma falta eventual da Alemanha, levantar a questão da sua capacidade de continuar o pagamento das anuidades fixadas, mas a Inglaterra reserva-se o direito de apresentar contra-argumentos, e compromete-se somente a examinar a questão sem indicar previamente qual a solução que adoptará, permanecendo livre, justa e equitativa, de escolher a solução que melhor se harmonize com a situação do momento.—(H.)

Os clericais estão tripudiando impudentemente sobre todas as conquistas humanas no campo da liberdade. O caso de Coimbra é típico e é sintomático. Mas a arremetida dos clericais não seria possível se os liberais não tivessem tão facilmente esquecido que o inimigo comum, o inimigo factor de todas as tiranias, o sugestionador de todas as opressões, estava vigilante, embuscado, preparando as máquinas infernais com que, no primeiro momento, nos atacaria.

E deste crime de inércia, deste descuido, desta falta de vigilância tem sido e continuam sendo réus todos os agrupamentos em que estão seriados os liberais.

A Batalha é um paladino das liberdades, desde a liberdade de pensar e sentir até à liberdade económica. E' um clarim sempre soltando no espaço as notas estridentes do clamor das consciências fortes e decididas. E que vemos? Que grande número, que o maior número dos trabalhadores cuja causa, em especial, ela advoga, deixam de ler para se deliciarem com as notícias dos crimes bisbilhotados pelos grandes órgãos da plutocracia ou com as peripécias do foot-ball nos orgãositos do Sport.

O que fazem os operários com a Batalha fazem-nos, mais ou menos, os republicanos quanto aos mais estrutural e determinadamente republicanos. Daí resulta que uns e outros andam cada vez mais desconhecendo das grandes causas debatidas no campo das teorias espediativas, ou no campo das realizações, na filosofia dos sistemas formulados para a melhor eficiência da dinâmica social, ou na verificação e crítica dos factos que dia a dia vão sucedendo-se.

E o reduto da Liberdade vai sendo contaminado, e os inimigos vão infiltrando-se. Quando os inimigos, já em número considerável, dentro da nossa cidadela, levantam clamor e se aprestam para nos estrangular, acordamos então e ficamos admirados de tantas vantagens terem conquistado!

**Uma atitude nobre perante um insulto soés**

Camarada director—Estranhou-se publicamente que os colaboradores das edições da Batalha recebessem dinheiro pelos seus artigos. Só quem ignore o profissionalismo jornalístico pode levantar tal reparo, uma vez que a Batalha e as suas publicações são redigições por profissionais—gente que vive de escrever, como os tipógrafos vivem de imprimir, como os impressores vivem de vender, de viver de vender a esta vida de miséria e dificuldades, parecida com uma agonia lenta, que todos nós levamos.

Insistiu-se também que as publicações da Batalha constituíam um feudo para os seus colaboradores. V., camarada director, sabe bem que os colaboradores dessas folhas não viviam do que delas recebiam; sabe que elas pagavam algumas vezes mal, outras vezes bem, do que os outros periódicos onde eles escrevem; sabe, enfim, que eles, profissionais honestos e competentes e, portanto, solicitados constantemente pelas empresas jornalísticas, não precisavam nem precisam das edições da Batalha para viver... Escreviam nelas por idealismo, por amor às ideias, por que haviam sido solicitados e porque não era lógico que essas publicações fossem redigições pelos nossos adversários ou por camaradas competentes noutras profissões mais incompetentes nesta, e que por isso, a pesar de toda a sua boa vontade, dariam positivamente aos leitores uma tibia expressão da mentalidade da nossa Causa.

Pagavam-nos? Sim. Mal, mas pagavam-nos. O que há de extraordinário nisso, se a Batalha e as suas publicações são feitas por profissionais, sob uma organização profissional e se nenhum do pessoal das suas várias secções trabalha gratuitamente?

Sempre que nos chamam, não como profissionais e idealistas, mas só como idealistas, estamos prontos a dar o nosso esforço, o nosso entusiasmo e a nossa alma pelo triunfo e propaganda das nossas ideias. É sempre que entendermos ser necessária a nossa cooperação, não esperamos sequer que nos chamem e não olhamos também aos prejuízos ou às consequências materiais que daí nos podem advir. E V. sabe, camarada, que isto tem sucedido várias vezes.

Porque, então aquela insinuação? Não a queremos discutir. Devemos bastante respeito ao nosso cérebro e arzamos demais as nossas ideias, para criarmos ainda mais a fogueira das paixões e dos facciosismos que não dignificam uma mentalidade nova, livre e compreensiva.

A nossa atitude, portanto, é apenas de mágoa. Mágoa profunda, mágoa por termos o que o nosso semelhante, até aquele que nos é mais íntimo, não atingiu ainda a elevação mental e espiritual que a humanidade necessita para formar sobre os escombros desta sociedade iníqua um mundo novo.

E' certo que a Batalha, em nome da organização operária, já protestou contra a lamentável insinuação; a pesar disso os colaboradores abaixo assinados entendem retirar a sua colaboração às publicações d'esse jornal. Esta atitude nasce do nosso amor pela Justiça e pela Verdade. Foram injustos aqueles que nos atacaram—eram injustos e não foram verdadeiros. Por dignidade moral e porque temos orgulho da nossa insinuação perante as ideias, desde hoje abandonamos as edições de A Batalha. Aguardamos, sim, a oportunidade, em lugar onde não sejam fáceis as insinuações injuriosas, para expormos e propagarmos com fogo, com alma, com ardor, os nossos idealismos e as nossas crenças nos destinos da Humanidade e numa sociedade composta por homens livres, justos e tolerantes.

Ferreira de Castro, Jaime Brazil, Pinto Quartil, Eduardo Frias.

Os republicanos chegaram até à proclamação do actual regime político com uma opinião bem formada a respeito do clericalismo.

Os clericais, nos últimos anos do regime monárquico, sentindo-se quasi tão fortes como agora estão sentindo-se, vinham protelando, com as suas arremetidas aos direitos dos indivíduos e aos direitos do estado, uma acção decisiva pela qual elas ficassem, de vez, impossibilitados de assassiarem a liberdade.

O Governo Provisório, ou melhor, um estadista republicano desse governo, preparou e publicou um diploma que, se tivesse tido uma aplicação intransigente, teria acabado, dentro de poucos decínios, com o domínio de Roma em Portugal. A Lei de Separação do Estado das Igrejas era justa, completa e previdente.

A Lei do Registo Civil e a Lei da Família formavam com aquela a trilogia basilarda da consciência.

Mas do velho partido que efectivava a República foram saindo grupos que se congregaram em partidos e estes, não lhes tendo sido possível arrastar consigo a massa dos antigos republicanos, desprezando os moldes, as intenções e razão de ser que a todos congregara na luta contra a reacção política económica e de livre pensamento, entenderam, tão somente, o particular interesse de grupo e, presumindo que em grossaria as suas hostes com os reacçãoários, juntaram-se a estes na mesma guerra à Lei de Separação, à Lei de Família e à Lei do Registo Civil!

Entretanto uns e outros, sob a direcção subpretextiva e vulpina dos clericais, vieram envenenando as consciências dos trabalhadores, afastando-os da República, já impedindo os governos republicanos para a violência entre os mesmos trabalhadores, já abusando da ingenuidade e boa fé destes, semeando-lhe no seio de suas organizações directivas que sendo exagerados no momento, compeliem os timoratos a cerrarem

**NOTAS & COMENTARIOS**

**A censura**

No Porto já não há censura. Felicitemos sinceramente a imprensa da capital do Norte pelo feliz acontecimento. De facto, a censura já não se justifica. Estamos convencidos de que neste momento, em que acontecimentos de valto não existem, ela está sendo mais prejudicial do que útil ao governo. De resto ainda estamos para saber da primeira vez que a censura não tivesse sido funesta para quem a impõe.

**O Parque da desatogada alegria**

O Parque Eduardo VII tem sido a mais franca gargalhada da lisboeta. E para fazer jus à tradição, uns sujeitos lembraram-se de montar ali uma feira, com barracas de comes e bebes, tiro ao alvo e pim-pam-pum... Seria uma espécie de aldeia marroquina em festa, para arrelhar com seus arremédos esse Monte-Carlo macaqueado que vem a ser o Parque Mayer. E os sujeitos da tal iniciativa foram pedir à Câmara que lhes desse a autorização indispensável. A comissão administrativa da edilidade concedeu soberanamente. E tudo se preparava para o dia primeiro do mês que vem, mas o tempo escasseou, policia não há porque o sr. Ferreira do Amaral não quer e a feira já se não faz na data marcada. O Parque Eduardo VII, como estão vendo, continua a ser a mais alegre gargalhada da lisboeta.

**A Revolução no Vaticano**

Os jardineiros dos Palácios do Vaticano declararam-se em greve. É um caso novo que encerra uma ironia deliciosa. As ideias revolucionárias da nossa época já penetraram em casa do Santo Padre. Admiramos que os arrojadados grevistas não tivessem sido todos excomungados pelo Papa, ficando-lhes assim vedada a entrada no céu. Mas não, o Santo Padre não os excomungou. Convoque-se. E com uma lágrima de ternura nos santos olhos vai pessoalmente, divinamente tratar do caso. Quem excomungará o Papa? Moralidade que?

**As viagens aéreas**

Vozes patrióticas fartaram-se de cantar a necessidade de se realizar uma viagem aérea de circunavegação. Para quê? Para mostrar a valentia dos nossos aviadores, para se saber que ainda por cá existem homens valentes e arrojadados. Ora, concedemo-nos em que todas estas qualidades já tem sido afirmadas em várias viagens, realmente cheias de beleza e de arrojo. Mas não achamos bem que se vá gastar rios de dinheiro numa viagem muito científica, certo, mas meramente desportiva. Não se aproveitaria melhor o tempo e o dinheiro, estudando a possibilidade de estabelecer carreiras comerciais na metrópole e nas colónias?

**NOVAS DE ITALIA**

**As dissídias dos chefes fascistas**

O correspondente do Daily Herald em Roma relatava ultimamente:

«A entrevista de Farinacci com Mussolini no Palácio Chigi em Roma na última semana foi, diz-se, excessivamente tempestuosa e dramática.

Farinacci acusou o «Duce» de «ser um joguete nas mãos da «troupe» nacionalista». Isto levou a uma discussão acalorada durante a qual Mussolini ameaçou Farinacci com a expulsão do partido fascista. «Sabeis que não o ousareis», foi a resposta de Farinacci.

Segundo uma outra versão que eu dou, porque é digna, Farinacci também deu um sôco na cara do «Duce».

É significativo que a atitude das entidades fascistas de responsabilidade em Roma para com Farinacci mudou visivelmente desde esta entrevista. Os fascistas que o atacavam amargamente nos últimos tempos embainharam agora a espada.

**A paz nas ruas**

Na última semana houve desordens em Cremona entre os partidários de Farinacci e os de Federzoni de Casalmaiore e Sorena. Os últimos foram postos fora de Cremona.

Também ocorreram lutas nas ruas de Nápoles entre os «farinaccistas» e os nacionalistas, sendo estes novamente vencidos.

Mas os mais notáveis incidentes da semana sucederam em Florença. Os fascistas

fileiras em volta dos reacçãoários como se nêstes estivesse o óptimo esteio contra uma possível derrocada social que era favorevolmente conclamada pelos habiliadosos como sendo o termo a que a República extrema deixava conduzir a sociedade portuguesa.

Por outro lado, o partido político que conservava os pergaminhos do velho partido republicano e que tinha a responsabilidade da Lei da Separação, perante a guerra que todos os demais lhe faziam e para atenuar os efeitos de propaganda que entre os desprevidos os seus inimigos vinham fazendo e sob o pretexto da referida lei, foram atenuando, também, um pouco o zelo com que haviam defendido essa lei, traindo-lhe, quantas vezes, o espirito e até a letra.

Os clericais continuavam o seu trabalho de opra. Inspiraram e dirigiram os seus naturais aliados—a plutocracia e a força armada.

A banca, a cruz e a espada, de mãos dadas, vinham infiltrando-se pelo campo dos liberais.

Os liberais acendiam, cada vez mais, o incêndio dos seus dissídios.

Os próprios trabalhadores dividiram-se e subdividiram-se e deixavam de pensar, como antes de 1910 haviam pensado, que as liberdades se conquistam uma a uma e que é mister segurar as conquistas feitas, consolidando-as, antes de ir mais além.

Abandonaram a República e não robusteceram a própria organização. Resultado?

Foram todos forçados a retirar para posições muito á rearguarda: voltámos a estar em situação inferior àquela em que estávamos em 1905.

Retrogradamos trinta anos pelo menos. E, porque assim foi, nós hoje estamos à mercê dos clericais como só o havíamos estado anteriormente em 1834 e à mercê da plutocracia como o havíamos estado anteriormente em 1910.

Eu bem sei que a Liberdade há de acabar pelo triunfo; eu bem sei que esse triunfo

há de ser returbante; mas esse triunfo há de custar-nos, escusadamente, muitas lágrimas, muito sangue, muitas vidas.

Os próprios dominados de hoje, pela inferioridade de critério, pela cegueira contumaz com que obstinadamente pretendem recolher o frondoso carvalho à pequenina glande donde germinou, que pretendem voltar ao tempo da Idade-Média, hão de congregar-nos a todos e compelir-nos a dar-nos as mãos e, entendo o mesmo cântico, avançar sobre o inimigo comum que pulverizaremos.

Mas quantas energias dispersas e quantas vidas fanadas pelo árduo caminho?! Quanto dor não há de alancear-nos até esse dia de redenção?!

O cinismo e a soberbia do bispo de Coimbra, por ocasião das festas da cidade, a humilde subserviência a do seu miserável fãmullo, o procedimento do governo central mantendo, a-pesar-de tudo, o seu delegado que prefira obedecer a Roma a obedecer às leis do país, tudo isso não passa do prelúdio das violências que vão ser perpetradas.

E os liberais? E o povo trabalhador? Ah! onde vão lendo os grandes órgãos de plutocracia, e vão narcotizando-se pelas fazes dos jogos do futebol aspirando que a banca, a espada e a cruz os ilaquins de tal modo que toda a resistência venha a ser quasi impossível. Pois é mister avaria.

Amanhã será demasiadamente tarde.

**F.**

**N. R.**—Não está este artigo absolutamente em harmonia com as doutrinas que norteiam a Batalha. Revela um espirito liberal e progressivo extremamente simpático, embora se limite a fazer a apologia dos princípios republicanos na sua pureza. A Batalha vai mais além, a república só não a satisfaz. Publica entretanto o artigo já pela consideração que o seu autor lhe mereça, já porque neste momento para atacar o reduto reacçãoário e clerical todas as munições são poucas.

**GUERRA SEM QUARTEL**

**Os rifenhos infligem novas derrotas a franceses e a espanhóis**

Os telegramas vêm referindo há dias uma nova ofensiva das tropas francesas contra os rifenhos. Não deixou de surpreender a opinião pública em França esta nova ofensiva, uma vez que o governo, ao contrário do que se poderia deduzir dos comunicados oficiais, declarava perentoriamente que o Rif estava pacificado, permitindo que se iniciasse a fase colonizadora.

As primeiras notícias, vagas, sem pormenores, começam chegando a Paris. Sabe-se, pois, que uma tribu, a Ait Tsegrouchen, considerando que Abd-el-Krim havia atraído a causa nacional, pactuando com os franceses, tem resistido encarnicadamente. E os franceses ficaram pasmados ante a resistência dos rifenhos, que é de tal ordem, e com tão forte espírito de repressão, que o chefe da nova revolta ainda não é conhecido.

Enquanto os espanhóis se mantinham imobilizados, os franceses preparavam e punham em movimento uma larga ofensiva, tendo por objectivo a região de Taza, que supõem ser o foco insurreccional.

A situação é grave e os comunicados procram dissimular essa gravidade. Apesar de todas as reservas oficiais e officiosas, conhece-se em França e em Espanha a extensão de uma nova derrota pelos rifenhos infligida aos invasores da sua terra. Várias colunas francesas de ataque foram repelidas nos territórios das Ait Tsegrouchen e Ouarrain. Sentindo o inimigo em fuga, «batendo-se como demónios»—no dizer da carta de um soldado—os rifenhos lançaram a contra-ofensiva, levando mais longe a derrota do inimigo.

A coluna comandada pelo coronel Freydenberg encontra-se actualmente em situação difícil, pois está completamente cercada pelos rebeldes e, unicamente, os seus esforços visam a cortar a cintura que ameaça asfixia-la.

E a derrota foi tão extensa que os espanhóis tiveram de ceder imensos territórios em toda a sua zona, a fim de não perderem o contacto com os seus aliados—o que seria extremamente perigoso.

**Os franceses talam de avanços**

RABAT, 20.—As tropas francesas avançaram na mancha desidente de Taza, e atingiram a linha que passa a três quilómetros de Tizi Houidel. 215 famílias fizeram a sua submissão, e entregaram 144 armas de guerra.—(H.)

**Concessões aos profissionais da Imprensa**

Comunica-nos o Sindicato dos Profissionais da Imprensa que o grupo artístico concessionário do Teatro Nacional Almeida Garrett, de que é gerente o actor Alexandre de Azevedo, ter resolvido conceder entrada livre na sala de espectáculos do mesmo Teatro, a todos os profissionais da imprensa, mediante a apresentação da respectiva Carteira de Identidade. Foi o grupo artístico do Teatro Nacional o primeiro a conceder em Lisboa tal regalia aos jornalistas, sendo a sua atitude merecedora dos maiores elogios. A Direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa officiou já ao actor Alexandre de Azevedo agradecendo-lhe e significando-lhe quanto a resolução dos artistas que o acompanham virá contribuir para o estreitamento das cordiais relações entre jornalistas e artistas dramáticos.

Leite o Suplemento de «A Batalha»

### COMO EM MARROCOS

**A água é escassa e pouca como todos sabem excepto a Direcção Geral de Saúde e os governos**

A Direcção Geral de Saúde enviou ontem uma nota para os jornais, que nós publicamos a título de curiosidade, visto que encerrava um espirito humorístico raro em gente portuguesa. Embora os franceses afirmem a respeito dos portugueses que estes estão sempre alegres, quer faça bom tempo, quer faça mau, não acreditávamos nesse ditado gaulês. Mas a nota elucidativa da Direcção Geral de Saúde abalou, confessemos, as nossas convicções. Em poucas linhas (e af está a habilidade do artista) ela conseguiu reunir uma soma de graça, notável pela sobriedade do estilo e pela transparência da frase—mais transparente do que a água do sr. Carlos Pereira.

Como toda a gente que bebe água (há quem não a beba) verificou, ela tem mau sabor e provoca indisposições intestinais que, quando não são funestas, ocasionam umas dores no ventre que obrigam o paciente a apertá-lo e a contorcer-se numa posição caricata.

A população de Lisboa tem ácerca da água uma convicção firme, inabalável, indestrutível: não presta. O lisboeta sabe que ela ocasiona emvenenamentos, mas mesmo, assim, durante o verão, neste grande oasis que se chama Lisboa, deseja-a ardentemente, com todo o calor—pelo menos com o calor asifiança da época que decorre.

Se se perguntar, por essa capital fura, a cada pessoa de per si, desde as crianças de três anos que já falam aos octogenários que estão prestes a perder a fala, se a água é boa, todos eles sem excepção responderão que a água é má.

E mesmo má, exterminadora, quem-na Desejam-na porque o sr. Carlos Pereira, tem tido artes de, desde há anos, nos ir entredendo a sede com umas gotas escassas do precioso veneno, tornando-a mais desejada do que D. Sebastião... Os contadores, a certas horas do dia, por mais que se abram as torneiras, não botam nem pinga.

Portanto, numa síntese admirável que um doído ajuizado formulou há pouco tempo no manicómio de Rilhaltoles, «a água é pouca e má.»

Desde os loucos aos ajuizados, dos velhos às crianças, a opinião não varia: «a água é pouca e má.» Só discordam o sr. Carlos Pereira, director da Companhia, e os governos que teimam em não verificar esta dolorosa verdade e remediá-la de vez.

Pois a Direcção Geral de Saúde, essa reconhece como todos nós, que a água não presta. Mas o seu humorismo delicado, a sua ironia scintilante, revelada através daquela nota maravilhosa a que ontem demos guarda, afirma que mesmo assim má, ela se pode beber.

Tem graça, tem infinita graça...

### A situação em França é gravíssima

**Como se constituiu um governo que será efêmero**

PARIS, 20.—O novo governo encontra-se constituído da forma seguinte: Presidência e estrangeiros, Herriot, radical; justiça, Colrat, da esquerda republicana democrática; interior, Camille Chautemps, radical; finanças, de Monzie, da esquerda republicana democrática; guerra, Paul Painlevé, republicano socialista; marinha, Renault, comércio, Loucheur, da esquerda radical; instrução, Daladier, do grupo radical; obras publicas, André Hesse, radical; agricultura, Queuille, radical; trabalho, Pasquet, pensões, Georges Bonnet, radical; colónias, Adrien Dorjac, do grupo de republicanos da esquerda. Sub-secretários de Estado: estrangeiros, Albert Milhaud, radical; tesouro, Jacquier, radical; orçamento, Morel, radical; guerra, Jacques Dumesnil, radical; regiões libertadas e director de ensino técnico, Bazile, radical; marinha mercante, Malmard, republicano socialista; aeronautica, Barthélemy Robaglia, do grupo dos republicanos da esquerda. O sr. Lavasseur conservará o alto commissariado dos aluigues, e o sr. Lambert, radical, será o alto commissário das naturalizações e da emigração.—(H.)

**Os paliativos do senhor ministro**

PARIS, 20.—O sr. De Monzie, novo ministro das finanças, interrogado pelos jornalistas sobre as medidas que tenciona adoptar para fazer face à grave crise financeira atravessada pelo Estado, declarou te